

Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas

**Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
(Organizadores)**



Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas

**Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
(Organizadores)**



Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	Teoria, prática e metodologias das ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF. Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia. ISBN 978-85-7247-808-3 DOI 10.22533/at.ed.983192811 1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Metodologia. 3. Pesquisa. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura. CDD 001.42
Elaborado por Maurício Amormino Júnior CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Esta obra, intitulada “Teoria, Prática e Metodologias das Ciências Humanas” versa sobre relatos e experiências de professores e investigadores da área das Ciências Humanas ou afins, sobre práticas pedagógicas desenvolvidas em seus contextos. Cada vez mais, o discurso entre teoria, prática e metodologias ganha força no cenário educacional, percebe-se de forma especial, que essa discussão prima pela melhoria da incubação, implementação e avaliação do uso de diferentes estratégias de ensino como aporte metodológico para o processo de ensinagem e aprendizagem.

É nítido, que cada vez mais a investigação científica vem tendo papel de destaque nas transformações sociais. Isso implica, um olhar especial para os trabalhos [investigações] desenvolvid@s dentro e fora das instituições de ensino, principalmente, àqueles que formalizam e sistematizam o conhecimento e a intersecção entre a dimensão teórica e prática.

Diante o exposto, apresentamos a obra, que traz em seu bojo 13 textos diversos, frutos de práticas diferenciadas, desenvolvidas também, em contextos diferenciados, por investigadores ávidos pelo desenvolvimento das Ciências Humanas. Uma obra, que nos chama a atenção, por ter dado voz a sujeitos muitas das vezes anônimos, que trazem para o cenário científico suas experiências, abrindo um leque de possibilidades de discussões e reflexões, de temas que transitam nos liames da teoria, da prática e das metodologias, tais como: Práticas Pedagógicas; Formação Continuada; Políticas Educacionais; Uso das Tecnologias; Epistemologia Evolucionária; A música como prática pedagógica; Ciências Cognitivas; Identidade; Moda, tendências manifestos, entre outros.

Esperamos que esta obra possa colaborar com seus anseios pessoais, profissionais ou de investigação, aguçando discussões e reflexões que possam propagar o pensamento epistemológico da Ciências Humanas nas dimensões do Ensino, da Pesquisa e da Extensão.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO CONTINUADA: ENTRE A LEI E A PRÁTICA DOCENTE	
Wilcker Pereira Silva D`Orazio	
Letícia Soares Veado	
Elisabete Alerico Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.9831928111	
CAPÍTULO 2	9
USO DA TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO	
Sirlei Alferes da Silva	
Tony Alexandre Medeiros da Silva	
Kézia Adelita Campos Medeiros da Silva	
Maria Rosa Alferes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9831928112	
CAPÍTULO 3	19
ARRANJO E REGÊNCIA CORAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE MÚSICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM UM ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO	
Renan Luís Balzan	
DOI 10.22533/at.ed.9831928113	
CAPÍTULO 4	28
ACIDENTES DE TRÂNSITO EM IDOSAS BRASILEIRAS: VARIAÇÕES REGIONAIS, ETÁRIAS E INFLUÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS	
Flávia Emília Cavalcante Valença Fernandes	
Rislayne Gomes Ferreira	
Ana Patrícia da Silva Alves	
Rosana Alves de Melo	
Maria Elda Alves de Lacerda Campos	
DOI 10.22533/at.ed.9831928114	
CAPÍTULO 5	38
A VINCULAÇÃO ENTRE <i>EPISTEMOLOGIA EVOLUCIONÁRIA</i> E LINGUAGEM SEGUNDO KARL RAIMUND POPPER	
Antônio Carlos Persegueiro	
DOI 10.22533/at.ed.9831928115	
CAPÍTULO 6	54
ANA CRISTINA CESAR: HABILITAÇÃO PARA O TERRITÓRIO DA IRONIA	
André Luís de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.9831928116	
CAPÍTULO 7	62
DAS CIÊNCIAS DA COGNIÇÃO À CIÊNCIA COGNITIVA - NOVA ÁREA EPISTEMOLÓGICA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9831928117	

CAPÍTULO 8	88
O MANIFESTO DA MODA NA ARQUITETURA	
Paula Giacomoni Bragagnolo	
Julia Isoppo Picoli	
DOI 10.22533/at.ed.9831928118	
CAPÍTULO 9	95
MEMÓRIA E IDENTIDADE NO QUILOMBO SACO DAS ALMAS: LUTA, RESISTÊNCIA E DIREITOS QUILOMBOLAS	
Daciléia Lima Ferreira	
Conceição de Maria Belfort de Carvalho	
Josenildo Campos Brussio	
Vanessa Cristina Ramos Fonsêca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9831928119	
CAPÍTULO 10	114
SOBRE O PADRÃO DE GOSTO EM DAVID HUME	
Valéria Andressa Teixeira	
Ernesto Maria Giusti	
DOI 10.22533/at.ed.98319281110	
CAPÍTULO 11	118
SIX WEEKS TO MARS: DESENVOLVIMENTO DE UM COMPANHEIRO ROBÓTICO AFETIVO DE BRINQUEDO	
Marcello Caldas Bressan	
Helda Oliveira Barros	
José Carlos Porto Arcoverde Junior	
Luiz Francisco Alves de Araújo	
Walter Franklin Marques Correia	
DOI 10.22533/at.ed.98319281111	
CAPÍTULO 12	134
VARIABILIDADE CLIMÁTICA DE GUANHÃES-MG ENTRE 2008 E 2017: AVALIAÇÃO DOS EVENTOS EXTREMOS	
Matheus Marques da Silva	
Humberto Catuzzo	
DOI 10.22533/at.ed.98319281112	
CAPÍTULO 13	148
REFÚGIO, NARRATIVAS E HISTÓRIAS: MIGRAÇÕES E EXPERIÊNCIAS NA AMAZÔNIA	
Josué Carlos Souza dos Santos	
Gilvete de Lima Gabriel	
DOI 10.22533/at.ed.98319281113	
SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO	162

A VINCULAÇÃO ENTRE *EPISTEMOLOGIA EVOLUCIONÁRIA* E LINGUAGEM SEGUNDO KARL RAIMUND POPPER

Antônio Carlos Persegueiro

Colégio Estadual Professor Francisco Carneiro
Martins, CFCM, Guarapuava, PR.

RESUMO: O texto aborda a relação entre *epistemologia evolucionária* e linguagem com base na filosofia de Karl Raimund Popper. Discorre sobre a plausibilidade desta vinculação e, concomitantemente, apresenta o conceito da dita epistemologia. Em seguida, efetua a caracterização da *análise da linguagem* popperiana, atividade erigida através de divergências travadas com o Círculo de Viena. Logo após, na esteira evolucionista darwiniana, trata das funções *autoexpressiva*, *senalizadora*, *descritiva* e *argumentativa* da linguagem, aliando-as à manifestação, tradução e, em determinados casos, discussão crítica de pensamentos. Desse modo, ao analisar a presente vinculação, indaga: qual o avanço detectado a partir da aproximação entre *epistemologia evolucionária* e linguagem? No intuito de averiguar esta questão, o texto afirma que, uma vez empreendida tal vinculação, Popper melhor observa as transformações no seio da linguagem, particularmente em enunciações. Tanto que, na sequência, aplica-lhes ajustes, correções e *testes*, os quais

favorecem, portanto, o aprimoramento e rigor racionais, caros ao *conhecimento objetivo*, intimamente ligado à evolução na qual estamos imersos.

PALAVRAS-CHAVE: *epistemologia evolucionária*, linguagem, Popper.

THE LINK BETWEEN *EVOLUTIONARY EPISTEMOLOGY* AND LANGUAGE ACCORDING TO KARL RAIMUND POPPER.

ABSTRACT: The text addresses the relationship between *evolutionary epistemology* and language based on the Karl Raimund Popper's philosophy. It discusses the plausibility of this linkage and concomitantly presents the concept of the said epistemology. Next, it characterizes the Popperian's *analysis of the language*, an activity erected through divergences clashed with the Vienna's Circle. Soon after, in the darwinian's evolutionary wake, it deals with the *self-expressive*, *signalizing*, *descriptive* and *argumentative functions of language*, combining them with manifestation, translation and, in certain cases, critical discussion of thoughts. Thus, in analyzing the present linkage, he asks: what advance has been made from the approximation between *evolutionary epistemology* and language? In order to

investigate this question, the text states that, once such a connection is made, Popper better observes the transformations within the language, particularly in enunciations. So much so that, in the sequence, it applies adjustments, corrections and tests, which favor, therefore, the rational improvement and rigor, dear to the objective knowledge, closely linked to the evolution in which we are immersed.

KEYWORDS: evolutionarity epistemology, language, Popper.

1 | INTRODUÇÃO

A filosofia de Karl Raimund Popper (1902-1994) é marcada pela vinculação entre *epistemologia evolucionária* e linguagem. Todavia, ao contrário do que possa parecer, Popper não se direcionou, tampouco desenvolveu pesquisas em Filosofia da Linguagem; mas, curiosamente, em *análise* da linguagem, atividade a ser logo mais apresentada. Assim procedendo, sobretudo nos anos 20 e 30, lera minuciosamente *A origem das espécies*, obra por meio da qual incorporou elementos da teoria darwiniana, a saber, o valor atribuído ao dedutivismo, a *seleção natural* e a admirável capacidade adaptativa de organismos e constituições vitais. Desse modo, tais componentes são visualizados na maioria dos textos de Popper, inclusive, confirmados em sua *Autobiografia Intelectual*. Além do mais, o pensamento popperiano possui filiação kantiana, afinidades com Einstein, Frege, Bolzano e discordâncias com o Círculo de Viena. Já em relação a Darwin, Popper (1977, p. 176) declara “[...] enorme interesse pela teoria da evolução e a disposição em aceitá-la como um fato”.

Frente a influência darwiniana – diga-se, em âmbito epistêmico – e, dentro em breve, a importância atribuída à linguagem, por que o filósofo as relaciona? Para acentuar que conhecimento e linguagem estão em evolução. Esta propicia investigar o vínculo, pois em Popper, *epistemologia evolucionária* e linguagem são interdependentes. Devido a isso, o filósofo atém-se à linguagem humana, dotada de adaptações, modificações e ajustes milenares. Por hora, sem detalhar elementos cognitivos, fonológicos e fisiológicos, tem-se que a linguagem é dinâmica e está em contínua transformação. Ademais, acrescida da relação com o pensamento e o pano de fundo evolucionista, reclama, então, entendimento.

Exposta a sincronia entre pensamento e linguagem, como também a dinâmica detectada nesta última, cumpre sublinhar que o conhecimento passa a ser, a cada instante, ampliado. No intuito de averiguá-lo, Popper (1972, p. 536) assevera que “o problema central da Epistemologia sempre foi e continua a ser o problema do aumento do saber.” Em correspondência ao filósofo, o Artigo analisará, primeiramente, a importância desta vinculação, demonstrando, respectivamente, sua necessidade e validade. Também buscará expor o conceito de *epistemologia evolucionária*.

Em seguida, o texto caracterizará a *análise da linguagem* popperiana, atividade constituída por meio de divergências travadas com o Círculo de Viena. No entanto, embora contestador de seus colegas, Popper, de fato, nunca foi membro do Círculo; apenas um interlocutor. Porém, justamente dos embates e oposições teóricas é que emergiu, com efeito, o interesse pela *análise da linguagem*, a qual, em termos, é devedora ao Círculo de Viena e, por outro lado, em Popper, corresponde a uma das atribuições imputadas à Filosofia. Registre-se, igualmente, a colaboração de Frederick Schilick, membro do Círculo, dono de uma Editora, o qual favoreceu a publicação de *A lógica da pesquisa científica (Logik der Forschung, 1933)*.

Por fim, pressuposta a influência darwiniana e a conexão com a linguagem, serão tratadas as funções *autoexpressiva, sinalizadora, descritiva e argumentativa*. As primeiras pertencem, na tipologia de Popper, tanto à linguagem de humanos quanto animais; já as últimas manifestam-se somente em humanos e, pelo que lhes são próprias, aliam-se, então, à expressão e discussão de pensamentos. Após explicitá-las, espera-se auferir maior clareza quanto a imbricação em estudo, além de detectar o avanço investigativo disponibilizado por Popper.

2 | UMA DEFINIÇÃO DE EPISTEMOLOGIA EVOLUCIONÁRIA E SUA VINCULAÇÃO COM A LINGUAGEM

Tradicionalmente, a Epistemologia possui raízes em Platão e também aparece em filósofos de diversas épocas e orientações teóricas. Tanto que na desenvoltura do pensamento ocidental, há o aumento significativo das modalidades epistemológicas. A vertente *evolucionária* é uma delas, embora tenha subdivisões, como, por exemplo, a darwiniana e a lamarckiana. No âmbito da primeira, Popper (1977, p. 176) privilegia os recursos “[...] da tentativa e da eliminação do erro, ou seja, por *seleção* darwiniana e não por *aprendizado* lamarckiano [...]”. Considera, em primeiro plano, dificuldades e complicações atinentes à manutenção, adaptação e desenvolvimento da vida, haja vista a luta pela sobrevivência, perpetuação da espécie, riscos de *involução* e a hipótese da própria extinção.

Não obstante, a *epistemologia evolucionária* valoriza, de igual modo, a justificação do que é tido como conhecimento. Quer dizer, põe-se à espreita em analisar – objetivamente – os fundamentos e o por quê do objeto. Isso ocorre em detrimento a empatias, antipatias, crenças, opiniões, preconceitos e ideologias. No entanto, à exceção do conhecimento, todas elas, em boa parte das ocasiões, não se sustentam ou, pura e simplesmente, padecem de um por quê. Assim sendo, a constante busca e adoção da justificação – acrescente-lhe a *objetividade* – acontece sobretudo frente ao conhecimento filosófico-científico, pois, uma vez detectadas e

aplicadas, contribuirão para maior rigor e seriedade conceituais e epistêmicas.

Além do mais, sem a justificação, os interlocutores escapariam à *objetividade* e a investigação se restringiria a um patamar rudimentar, a saber, de meros palpites e, até mesmo, falsas ou inverificadas opiniões. Reagindo a tamanha degradação, Popper (1972, p. 46) enaltece o elemento *objetivo* do conhecimento. Segundo ele, a detecção e o posterior emprego do que, convencionalmente, se atribui à palavra *objetivo* visa “[...] indicar que o conhecimento científico deve ser *justificável*, independentemente de capricho pessoal; uma justificação será ‘objetiva’ se puder, em princípio, ser submetida a prova e compreendida por todos.” Tal exercício exige, portanto, centralidade e bom senso por parte do indivíduo e de seus pares.

No intuito de agir em consonância à justificação e *objetividade*, sublinha-se que Popper (1975, p. 239), da juventude à maturidade, permanece vinculado à *epistemologia evolucionária*, aliás, a “[...] uma teoria amplamente darwiniana do crescimento do conhecimento.” Ela possui a peculiaridade de ter por objeto o conhecimento filosófico-científico sob bases naturalistas, principal distinção em comparação a outras epistemologias. Mas, o que significa afirmar que o naturalismo é o ponto de partida investigativo para o conhecimento? Ora, que o mesmo, para Popper, foca-se na condição e propriedades do indivíduo ou objeto. Entende que o meio ambiente e cultural lhes são inseparáveis, pois, à luz de Darwin (2009, p. 86), humanos e animais são passíveis de “[...] acção combinada de muitas leis naturais, e ao seu resultado.”

Reconhecida a ligação existente entre indivíduo e meio ambiente e cultural, qual é, então, o conceito de *epistemologia evolucionária* a ser extraído da leitura popperiana? Ora, a modalidade de investigação acerca do conhecimento filosófico-científico cuja base é o naturalismo unido à *objetividade*, os quais incluem evolução e involução de organismos, do conhecimento, da vida sócio-política. A eles estão intimamente presente a condição de serem elaboradas hipóteses e, pudera, redução de erros teóricos e de outras naturezas, a ponto de se aprender com eles. Ademais, vislumbra fazer com que o conhecimento, de fato, avance em relação ao que, até o momento, sabe-se sobre algo ou alguém.

E a linguagem, por que é vinculada à *epistemologia evolucionária*? Com base em Popper, em razão das transformações as quais lhe são evidenciadas. Tal conexão deve-se, não somente às dinâmicas presentes na linguagem e, por extensão, nas línguas, mas especialmente por se encontrarem no plano teórico evolucionista darwiniano. Este engloba alterações cognitivas, fonológicas, fisiológicas e sociais, propensas, portanto, a agir sobre a estrutura da linguagem. Dessa maneira, sob o vínculo popperiano, descartam-se conjecturas e afirmações defensoras da imutabilidade em aspectos básicos da língua, tais quais: gramática, pronúncia, expressões formais e coloquiais. Pelo contrário, o filósofo remete a linguagem à

dinâmica própria do evolucionismo darwiniano.

Por conseguinte, pressuposta a proximidade entre *epistemologia evolucionária* e linguagem, faz-se oportuno, antes de perquirir um conceito da primeira, destacar a capacidade de conservação e disseminação de produtos humanos, a saber, o *conhecimento objetivo*, o qual é apresentado, exclusivamente, através da linguagem. Na verdade, em Popper, esta é incontornável ao conhecimento, pois, até mesmo na mente, ele se manifesta sob a forma linguística. Desse modo, é impossível conjecturar-se sobre um conhecimento que não seja intimamente conectado à linguagem e vice-versa.

Após constatar que a linguagem é o instrumento mediante o qual se manifesta o *conhecimento objetivo*, como, então, conceituá-lo? Para Popper (1975, p. 78), o último é o “[...] conteúdo lógico de nossas teorias, conjecturas, suposições (e, se preferirmos, do conteúdo lógico de nosso código genético).” Trata-se de uma dimensão refratária, responsável pelo armazenamento de dados, constantemente enriquecidos, os quais foram (e são) elaborados ao longo da história. Seus principais exemplos são: textos impressos, digitalizados, obras de arte, ferramentas, partituras musicais, mapas e mídias, inclusive tecnologias vinculadas à *Nuvem*, recente artefato tecnológico inconcebível a tantas gerações. Assim sendo, quando nos atentamos ao *conhecimento objetivo*, é adequado, segundo Barnhardt (1978, p. 19), “[...] entender que Popper quer distinguir as marcas físicas das linhas de um livro (*mundo 1*) das informações, argumentos, conjecturas e conteúdos do conhecimento (*mundo 3*) codificado no livro.”

No âmbito da vinculação entre *epistemologia evolucionária* e linguagem, foco ora elencado, o *conhecimento objetivo* faz parte, portanto, da estrutura multilateral do mundo, isto é, os *mundos 1, 2 e 3*, sendo, portanto, componente do *mundo 3*, até porque tal tripartição objetiva melhor entender a totalidade denominada mundo. Dito isso, o *mundo 1* refere-se aos objetos materiais, tanto os naturais, quanto aqueles feitos pelo ser humano. O *mundo 2* trata-se dos estados de consciência e é puramente emocional, além de subjetivo. Já o *mundo 3* compreende os conteúdos objetivos de pensamento, igualmente aliados ao *mundo 1* e *2*. Não obstante, atente-se ao fato de, em Popper, haver a impossibilidade de conexões isoladas entre os mundos, pois o *conhecimento objetivo* necessita das supracitadas instâncias para subsistir e ser ampliado. Ademais, a teoria dos *três mundos* consiste em uma reação a explicações dualistas e unívocas sobre a realidade em seus aspectos físicos, emocionais e lógicos, o que leva a inferir-se que, em Popper, o mundo é tripartite, multilateral e interdependente.

Nesta perspectiva, para Popper (2002, p. 49), “[...] o *mundo 3* é obra humana (embora autónomo em outro sentido) e que, seja como for, é tão real como o *mundo 1*, visto que, por intermédio da acção do *mundo 2*, pode agir não só sobre a nossa

mente como também sobre o corpo e, deste modo, sobre o *mundo 1*.” Ademais, o *mundo 3* é a instância na qual reside a linguagem, mas que, impreterivelmente, relaciona-se com o *mundo 2* e o *mundo 1*. Devido a isso, apesar de lógica, a linguagem também porta elementos provenientes de estados emocionais e influências da materialidade. Nesta junção entre os *três mundos*, o filósofo aborda o conhecimento intimamente vinculado à linguagem, o que favorece a vinculação entre esta e a *epistemologia evolucionária*. A este propósito, Caponi (1999, p. 76) afirma que Popper

[...] mostrou que, por ser uma estrutura linguística, o conhecimento é uma coisa do mundo, e deve ser assim considerado pela epistemologia. Esta não deve interrogar-se pelas condições transcendentais de todo conhecimento possível que, supostamente, a linguagem fixa ao determinar os limites do mundo. Ao contrário, a epistemologia deve ocupar-se da ciência enquanto coisa realmente existente.

A mudança efetuada por Popper sinaliza, análogo ao *conhecimento objetivo* e a estrutura dos *três mundos*, o direcionar da atenção para a realidade em sua integridade. Tal postura corresponde a um avanço em termos epistêmicos, haja vista o fato de, como dito, haver muitas correntes e desmembramentos epistemológicos cujos focos lhe são adversos e menos extensos do que a investigação popperiana. Porém, longe de enumerá-las, o que não consiste o objetivo deste texto, cumpre insistir que todas são, cada uma ao seu modo, igualmente importantes e merecedoras de apreço.

Não obstante, a *epistemologia evolucionária* popperiana possui, entre outras peculiaridades, o diferencial de assimilar transformações, nem sempre positivas, nos âmbitos biológico, cognitivo e sócio-político de modo sincronizado. Na verdade, por meio da herança darwiniana Popper mostra elementos os quais abordagens teóricas que lhe são divergentes omitem, ou até mesmo, negligenciam. Ao mesmo tempo, favorece, por excelência, a concretização de uma atribuição imputadas à Filosofia, a saber, auxiliar o indivíduo a entender, minimizar e, se possível, resolver problemas de seu tempo.

3 | BREVE CARACTERIZAÇÃO DA ANÁLISE DA LINGUAGEM POPPERIANA E AS PRINCIPAIS DIVERGÊNCIAS COM O CÍRCULO DE VIENA

A linguagem adquire maior relevância para Popper a partir de discussões travadas com membros do Círculo de Viena (*Weiner Kreis*). Também denominados de positivistas lógicos, esses teóricos eram provenientes sobretudo da Matemática, Lógica e Filosofia. Herdaram bases racionalistas, empiristas e neoempiristas, sob a direção de Frederick Schlick, nos anos 20 do século XX. Todavia, sem pormenorizar em que medida faziam-se presentes as referidas heranças, apresentar-se-ão,

juntamente com a caracterização da *análise da linguagem* popperiana, as principais discordâncias travadas com o Círculo de Viena.

Desse modo, o elemento perquirido pelos membros do Círculo foi a oposição – e posterior refutação – à metafísica. Negavam-na ou detectavam-lhe incoerências e limitações, desacreditando-a ante outras áreas do conhecimento. Apesar de, desde o início, ser-lhes crítico, Popper recebe influências do Círculo, assim como demais autores, correntes filosóficas e científicas. A este respeito, Quelbani (2009, p. 10) salienta que “[...] o propósito deles [membros do Círculo] era fazer da filosofia uma disciplina científica oposta a toda ‘especulação’ e a todo ‘dogmatismo’”. Empenhavam-se em detectar e eliminar componentes essencialistas, idealistas e teologizantes deste saber. Já Popper, reconhece, cada vez mais, fracassos nesta empreitada.

Por outro lado, ressalva-se que, segundo Hahn, Neurath e Carnap (1986, p.10), o Círculo primou pelo “[...] esclarecimento de problemas e enunciados, não, porém, em propor enunciados ‘filosóficos’ próprios”. Para isso, aplicaram a *análise lógica*¹, isto é, o instrumento de *teste* teórico direcionado a enunciados e proposições. Por meio desta, os positivistas lógicos colocavam asserções à prova para, então, declararem quais eram filosoficamente relevantes, neste caso, aquelas esvaziadas de teor metafísico. Atente-se ao fato de que, no tocante à linguagem, tal atividade consiste em um reducionismo. Afinal, se fosse exaurida de metafísica, o que lhe sobraria? A provável resposta seria muito pouco.

Para obter melhor familiaridade com o exercício conduzido pelos positivistas lógicos, Marcondes (2004, p. 17) esclarece que convergiam em torno de “[...] uma filosofia que concebe a análise da linguagem como método filosófico, como procedimento através do qual a reflexão filosófica se desenvolve”. Novamente, constata-se outro reducionismo, pois nesta convicção, a Filosofia perde a universalidade, ficando relegada à acepção de método. Mesmo possuindo competência para guiar metodologicamente o indivíduo, isso não significa que, em toda sua abrangência, esta área seja apenas entendida como uma ferramenta da razão.

Nesta perspectiva, o Círculo de Viena aborda a fundamentação da ciência a partir da base empírica e insere a linguagem entre seus problemas. Não obstante, para os positivistas lógicos, a linguagem é manifesta através de enunciados orais ou escritos, preferencialmente de modo objetivo. Mas, frente a esta última, como detectar enunciados tipicamente filosóficos? Segundo Hahn, Neurath e Carnap (1986, p. 10), por meio de “[...] um sistema de fórmulas neutro, um simbolismo

1. Apesar de haver a presença da *análise lógica* nos *Diálogos* de Platão, textos do *Corpus Aristotelicum* e, mais tarde, o legado kantiano, entre outros, a acepção empregada pela matriz analítica (positivistas lógicos e Popper), trata de, semelhante à análise sintática, uma *decomposição* de sentenças e argumentos.

liberto das impurezas das linguagens históricas, bem como a busca de um sistema total de conceitos” Tais recursos favoreceram a emersão da linguagem enquanto objeto, expressa através de representação gráfico-fonológica específica.

O maior exemplo deste uso foi o fomento à lógica simbólica em detrimento à estrutura textual tradicional. Assinalavam urgência quanto à adoção do sistema de fórmulas. A intenção do Círculo foi aplicar ao plano linguístico a *concepção científica do mundo*, ou seja, reduzir a linguagem, mediante decomposição, somente ao que pode ser enunciado sem elementos metafísicos. Desconsideravam, portanto, o que escapasse à objetividade e às fórmulas neutras.

Ademais, mesmo durando pouco tempo devido à rotatividade de membros (exilados nos E.U.A e outros países), a I e II Guerras Mundiais e a morte de Frederick Schlick, é inegável a influência do Círculo exercida sobre Popper e demais pensadores. Para Hahn, Neurath e Carnap (1986, p. 09), as discussões conduzidas pelos positivistas lógicos visavam “[...] elaborar instrumentos intelectuais para o cotidiano; para o cotidiano do erudito, mas também para o cotidiano de todos os que de algum modo colaboraram na consciente configuração da vida”. Eis, então, um indício favorável à congregação de intelectuais ao grupo, especialmente indivíduos das mais distintas áreas de formação, mas com o interesse em depurar a linguagem conforme mencionado.

No âmbito das divergências, Popper (1977, p. 95) ora recuando, ora se aproximando dos positivistas lógicos, afirma que “[...] preferiram ver-me antes como aliado, do que [como] crítico. Eles imaginavam que podiam esquivar-se à minha *crítica* mediante algumas concessões – preferivelmente mútuas – e com o auxílio de certas estratégias verbais”. Na verdade, para o Círculo, a emissão de sentenças afirmativas à *concepção científica do mundo* aliada ao reducionismo linguístico poderia mitigar as discordâncias de Popper. Mas isso não aconteceu. Afinal, para o filósofo (1977, p. 95)², “[...] lutar contra o positivismo lógico não era um de meus interesses principais), os positivistas lógicos não sentiram que sua doutrina estivesse seriamente ameaçada.”

Visualizada a principal discordância entre o Círculo de Viena e Popper, de que forma e com quais instrumentos o filósofo procura empreender a *análise da linguagem*? Primeiramente, considerando, ao contrário dos positivistas lógicos, a importância e indissociabilidade entre metafísica e linguagem. Conjuga ainda a *análise lógica* ao *racionalismo crítico*, postura a qual se autodenomina, pois, para ele, nos exercícios lógicos, sejam dialéticos ou analíticos, *crítica* e *análise* não se separam. Neste ponto, emerge, por assim dizer, outra diferença.

E qual é? Ora, a de que, na *análise da linguagem* popperiana há a *depuração de elementos subjetivos, arbitrários, crenças, incoerências na enunciação e*

2. Parênteses inseridos por Popper.

escrita, ajustamento e correções de enunciados unidos à eliminação de tudo o que compromete a *objetividade*. Trata-se, então, de uma *análise lógica*, todavia, sem decomposição de conteúdos, à moda do Círculo. E ainda, a *análise da linguagem* popperiana atua pressupondo a metafísica como aliada. Paralelo a ela, Popper valoriza a imaginação, a elaboração de conjecturas, hipóteses, teorias e o indeterminismo.

Embora ocorresse no Círculo de Viena, há, em um nível ainda maior, a demarcação. Não obstante, para os primeiros, este critério era restrito ao estabelecimento de limites entre o que é e não é metafísico. Já Popper, ao aplicar a demarcação, engloba elementos constituintes da vida humana como um todo. Tanto que, ao ordenar este conjunto ou objeto de estudo, Popper não o minimiza, tampouco rebaixa-lhe o valor. Pelo contrário, limita-o em termos de extensão e natureza, isto é, empírica, emocional, racional ou de crença, incluindo-o no rol de produtos humanos, haja vista o intuito de melhor assimilá-lo.

A seguinte divergência com o positivismo lógico é, sob as palavras de Popper, o grave distanciamento de grandes problemas filosóficos, relegados ao segundo plano, quando muito, por diversos autores da tradição. Mas, especificamente com o Círculo de Viena, Popper critica o verbalismo, isto é, a preocupação com significados denotativos de termos e expressões, o que pode ser, em certa medida, uma atividade semelhante ao nominalismo. Popper sustenta que a Filosofia pode mais! Desde as indagações dos Pré-Socráticos aos problemas contemporâneos, esta área não perde sua universalidade. O que dizer, então, de uma restrição no plano da linguagem, pura e simplesmente de parte dela, abordada pelos teóricos de Viena?! Certamente, para Popper, deixa muito a desejar.

Um terceiro ponto de divergência emerge na postura indutivista do Círculo de Viena. Ao apresentar expressões simbólicas combinadas entendiam-nas como irredutíveis ou absolutas. Isso implica em uma atitude dogmática, pois não aceita questionamentos, limites e erros. Popper pensa e age ao contrário! Em tudo, inclusive na linguagem e língua, há erros, propensões a incertezas, retrocessos e necessidade de ajustes. Isso não é visualizado nos primeiros. Ainda neste ponto, acrescenta-se a existência do determinismo lógico. O referido aparece, ora sutilmente, ora de modo enfático, na *crença* em torno da *concepção científica do mundo*, preconizada pelo Círculo.

Contudo, para poder observá-lo, cumpre acentuar que, nas investigações dos positivistas lógicos, há o direcionamento de enunciados e proposições rumo à universalização gráfica, ignorando-se as particularidades e, paralelamente, os aspectos histórico-naturais da linguagem. Assim sendo, o determinismo lógico é detectado em virtude de, justamente, Popper seguir o indeterminismo. Este congrega, no âmbito filosófico-científico, por exemplo, ordem e caos, dúvida e

certeza, previsibilidade e imprevisibilidade, dentre outros componentes, de tal forma que os elementos supracitados podem coexistir; porém, nunca ante a *hipótese* de constatá-lo a partir de dentro do Círculo, ou seja, sob o determinismo lógico.

Observadas, entre outras, três principais divergências, agora, cumpre indagar: qual é o avanço de Popper nesta contenda? Pelo que se depreende, a ruptura com dogmas, interpretações unívocas e demais imposições, de modo a perpassar o domínio da linguagem. Frente aos positivistas lógicos e a outros indivíduos, Popper afirma (1972, p.536) que urge “[...] enunciar claramente o problema e examinar, *criticamente*, as várias soluções propostas”. Este exercício, devidamente aplicado, consiste já em um avanço. Conexo a ele, há a abertura de precedentes para a *objetividade*, a ser arduamente perquirida pela Filosofia e Ciências. Nesta busca, também ocorre a abertura a múltiplas saídas, ou melhor, *hipóteses* e tentativas de resolução, dada a ligação com o indeterminismo popperiano.

Juntamente com a superação do que fora estudado pelo Círculo de Viena, desponta outro avanço: a condição de a razão, para além de palavras, conceituações, significados e definições, almejar e, logo após, tornar público, *na* linguagem, a elaboração de afirmações, proposições (em geral), teorias, *hipóteses*, derivações e, finalmente, proposições primitivas. Embora tal passagem soe de forma natural ao entendimento, registra-se que o avanço em questão resulta de milhões de anos nos quais, graças à concomitância entre *mente* e *conhecimento objetivo*, seguida da vinculação ao *mundo 01*, dos objetos materiais e outros fatores, culminou no elevado nível evolutivo o qual a humanidade se encontra atualmente. Afinal, em termos linguísticos, Barnhardt (1978, p. 20) comenta que [...] não há significado além e acima das frases e com os intercâmbios físicos incrivelmente complexos que eventualmente trazem frases.”

Aliado a este verdadeiro salto, Popper (1972, p. 61), em sincronia ao presente avanço, esclarece (por meio de nota) que, não somente frente à linguagem elaborada e ajustada, como é o caso do discurso empregado pela Filosofia e Ciências, mas também, a partir do cotidiano,

Nossa linguagem comum está cheia de teorias; que a observação é sempre uma *observação à luz de teorias*; que só o preconceito indutivista leva as pessoas a pensarem em uma possível linguagem fenomênica, livre de teorias, distinguível de uma ‘linguagem teórica’; e, enfim, que o estudioso está interessado em explicações, ou seja, em teorias passíveis de provas, dotadas de poder explicativo: aplicações e predições interessam-nos apenas por motivos teóricos – porque podem ser utilizadas como provas de teorias.

O desmembramento intitulado comum adquire a mesma importância das modalidades avançadas, representação simbólica e os idiomas modernos, como o Inglês e o Português, por exemplo. Note-se que não há equiparação; mas sim um respeito mútuo, haja vista condições de o indivíduo aprimorar a linguagem como um

todo ou, ao menos, parte dela. Unido a esta equiparação, reside a ênfase conferida à teoria, permeadora de ambas.

Para os enunciados serem devidamente expressos, sem desejar fazer apologias a Popper, desponta a intenção de elevar o conjunto de sinais com os quais se expressam e traduzem pensamentos a um nível depurado. E ainda, uma vez perpassadas as limitações do Círculo, a linguagem – e, nesta, as proposições apresentadas tanto oralmente, quanto através da escrita – adquirem maior pertinência, a ponto de fomentarem o exame das teorias nela incutidas. Eis, então, a emergência gerada pelo impasse entre Popper e o Círculo de Viena que, muito além de um atrito interpretativo e discordâncias, assinala que, segundo o filósofo (1975, p. 135), “[...] a linguagem se torna indispensável como o meio de argumentação, de discussão crítica”.

4 | AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM E SUAS RESPECTIVAS IMPORTÂNCIAS

Resultante da discussão entre Popper e o Círculo de Viena, a linguagem emerge como tema caro à Filosofia. Assim sendo, a distinção entre o que o filósofo afirma ser englobado pela linguagem em comparação aos positivistas lógicos é, sem sombra de dúvidas, muito maior, diversificada e, sem exageros, dinâmica. Isso porque a *análise* por ele empreendida considera o universo dos produtos humanos; não apenas um tipo de linguagem em particular. Por outro lado, faz-se curioso, textualmente falando, não ser encontrado um conceito de linguagem em Popper. De fato, não há.

Por outro lado, a inexistência de uma noção de linguagem cunhada por este pensador não assinala a impossibilidade de se deduzir alguma. Desse modo, depois de observar a vinculação entre *epistemologia evolucionária* e linguagem, juntamente com os *três mundos*, os quais lhe dão sustentação teórica, o que se depreende por linguagem em Popper? Aufere-se que, modestamente falando, a linguagem pode ser entendida como instrumental voltado à emissão, ajustamento e melhoramento de enunciados, asserções e proposições. E, ao apresentar tal acepção, é preciso acentuar que o *mundo 3* é a instância da linguagem. Enquanto constituinte desta parte da realidade, tornam-se relevantes as *funções da linguagem*, as quais estão associadas às criações ou produções humanas.

Apresentada uma singela noção de linguagem à luz da filosofia popperiana, cumpre retornar ao propósito desta Seção, ou seja, discorrer sobre as *funções* da linguagem elencadas por Popper. Conforme dito, algumas destas *funções* são detectáveis em humanos e demais animais; outras, são exclusivas dos primeiros. Importa acentuar a significação das referidas, além de, no caso dos humanos, detectar-se íntima sincronia e dependência. Portanto, para o indivíduo, as *funções*

da linguagem são mútuas, organicamente e intelectualmente vinculadas.

Dessa maneira, Popper (1975, p. 121) sublinha que “as mais importantes criações humanas, com os mais importantes efeitos de retrocarga sobre nós mesmos e especialmente sobre nossos cérebros, são as *funções* mais altas da linguagem humana; mais especialmente, a *função descritiva* e a *função argumentativa*.” Porém, antes de defini-las, são constatadas outras duas *funções*, concebidas pelo filósofo sob um nível inferior, 1) a *autoexpressão* e 2) a *sinalização*. Também chamada de *sintomática*, a *autoexpressão* diz respeito ao indivíduo ou animal fazerem-se entender e conhecer mediante uso de gestos faciais e corporais. Já a *sinalização*, visa mostrar e responder a algo tanto para o indivíduo, quanto para os animais.

No intuito de melhor apresentá-las, além de sustentar sua interação, Popper (1975, p. 121) alega que “[...] não denominamos lingüístico qualquer sintoma a menos que admitamos que ele pode liberar uma resposta em outro organismo.” Assim, toda manifestação decorrente de um propósito cujo foco é estabelecer comunicação – ora rudimentar, ora avançada – corresponde ao emprego da *função sinalizadora*. Independentemente de alguém objetar, afirmando que a mesma seja primitiva ou, até mesmo, visivelmente limitada, o filósofo mostra o apreço a ela. Afinal, sem esta *função* – aliada à *autoexpressiva* – a humanidade não chegaria ao próximo patamar de emprego da linguagem, a ser logo mais tratado.

Neste âmbito, Popper sustenta a trivialidade de ambas as *funções*, haja vista a presença no cotidiano dos indivíduos. Deixa claro que, dificilmente, as mencionadas oferecerão aprofundamentos à linguagem, bem como à sua *análise*. No entanto, embora simples, porém necessárias, o filósofo (1975, p. 121) lembra que “todas as linguagens animais e todos os fenômenos lingüísticos compartilham dessas duas *funções inferiores*.” E ainda, na esteira darwiniana, a qual tanto Popper valoriza, não se pode omitir a condição de serem derivadas novas *funções*, justamente através das limitações constatáveis na *autoexpressão* e *sinalização*.

Considerado que as duas *funções inferiores* da linguagem não dispõem de avanços, dada a repetição de sinais em diversos animais, como aceder, então, a este esgotamento? Popper sugere a averiguação das *funções superiores*, a saber, *descrição* e *argumentação*, encontradas, respectivamente, nas linguagens humanas. Todavia, justifica-se (s/d, p. 324): “Não quero dizer que não possa haver outras *funções* (prescritiva, consultiva, etc.), mas sim que as quatro mencionadas constituem uma hierarquia, no sentido de que cada uma delas pressupõe as que lhes são inferiores – as quais, contudo, podem existir sem as superiores.”

Pressupostos os limites das *funções inferiores* da linguagem, compete observar que, antes de ater-se às demais *funções*, Popper (1975, p. 121), em tom de espanto, declara:

Bastante estranhamente, a mais importante das *funções* superiores tem sido negligenciada por quase todos os filósofos. A explicação desse fato estranho é que as duas *funções inferiores* estão presentes, de modo que é sempre possível ‘explicar’ qualquer fenômeno lingüístico, em termos de funções inferiores, como a ‘*expressão*’ ou a ‘*comunicação*’.

Visando promover a *análise* da linguagem e não compactuar com a negligência em registro, o filósofo critica a investigação que apenas contempla as funções inferiores. Aborda a *descrição* e a *argumentação* (1975, p. 121), acentuando que, da “[...] *função descritiva* da linguagem humana, emerge a idéia reguladora de *verdade*, isto é, de uma descrição que se ajusta aos fatos.” E, ao mencionar a *função descritiva*, desponta a verdade, noção dotada de múltiplas acepções, as quais extrapolam este texto. Longe de menosprezá-la, (pois a referida é um dos maiores temas da Lógica, Teoria do Conhecimento e Metafísica), assimila-se que a verdade, para ser auferida, necessita do ajustamento efetuado pela *descrição*, *função* elevada, em conexão aos fatos, independentes de empatias e tendências do indivíduo.

No tocante à *descrição*, ou melhor, ao seu uso, tem-se que ordena e conecta enunciados e proposições, além de se vincular à *função argumentativa*. No concernente à primeira, Popper (s/d, p. 328), ao enfatizar a relação entre objetos materiais e conteúdos objetivos de pensamento, dada pela interação entre os *três mundos*, declara: “as relações lógicas [...] não pertencem ao mundo físico. São abstrações (‘produtos da mente’, talvez).”

Aliada à *descrição* está a *argumentação*, conjunto de raciocínios cujas sentenças são formadas de premissas e conclusão. Para Popper (1975, p. 121), a *função argumentativa* “[...] pressupõe a *função descritiva*: os argumentos, fundamentalmente, são acerca de descrições; criticam descrições do ponto de vista de idéias reguladoras de verdade, de conteúdo e de verossimilitude.” Comparada às demais *funções*, a *argumentação* é imprescindível e adequada à *crítica*, ação avançada em termos de linguagem. Ao mesmo tempo, pressupõe a existência das demais *funções*, relacionando-se de modo a não perderem suas caracterizações, tampouco dependência.

No âmbito da *análise* da linguagem, aliada aos *três mundos*, as *quatro funções* oferecem condições propícias à detecção de incoerências, contradições, arbitrariedades, excessos (forma e conteúdo) e distorções. A este respeito, afirma Popper (s/d, p. 325): “o interesse fundamental da ciência e da filosofia reside nas *funções descritiva* e *argumentativa* [...]” Disponibilizam, portanto, a correção e ajustamento, já que asserções confusas e incoerentes atestam a mal formulação de pensamentos explicitados em linguagem.

Para melhor ilustrar a interação e dependência entre as *quatro funções*, bem como o prevalectimento das *funções superiores* da linguagem, reitera Popper (s/d,

p. 325):

Um argumento, por exemplo, serve como uma expressão na medida em que é um sintoma externo de algum estado interno (físico ou psicológico – isto é irrelevante) do organismo. É também um sinal, pois pode provocar uma resposta ou concordância. Na medida em que trata *a respeito* de alguma coisa, sustentando algum ponto de vista sobre determinada *situação*, é *descritivo*. Por fim, tem uma *função argumentativa*, fornecendo *razões* em apoio da concepção que defende – apontando dificuldades ou mesmo inconsistências no ponto de vista alternativo.

Mesmo dispostas sob forma hierárquica, as *funções* da linguagem podem ser articuladas dos mais variados modos. Quer dizer, sempre favorecem o dinamismo e reatualização da mesma. Ademais, em *hipótese* de correções enunciativas, a independência, *objetividade* e autonomia do *mundo 3* serão evocadas, haja vista o florescimento e defesa de um ou mais argumentos. Isso assegura que, segundo Popper (1975, p. 121), “[...] com o desenvolvimento de uma linguagem descritiva (e mais, de uma linguagem escrita) pode emergir um *terceiro mundo lingüístico*; e só deste modo, e só neste *terceiro mundo*, que se podem desenvolver os problemas e os padrões da *crítica racional*.”

Mas, antes de promover a *crítica*, a saber, empreendê-la adequadamente, é preciso focar-se no objeto de *análise*, elencando-lhe trechos confusos e incompreensíveis. Até porque, para Popper (1975, p. 121), “sem o desenvolvimento de uma linguagem descritiva exossomática – uma linguagem que, como uma ferramenta, se desenvolve fora do corpo – *nenhum objeto* pode haver para nossa discussão crítica.” Tal linguagem é localizada no *mundo 3* e está à disposição do indivíduo, afinal, a tarefa de depuração enunciativa eleva, legitima e dignifica o conhecimento filosófico-científico, uma das esplêndidas conquistas evolutivas da humanidade.

5 | CONCLUSÃO

Ao abordar a vinculação entre *epistemologia evolucionária* e linguagem, foram destacados elementos os quais, na maioria das vezes, são ignorados ou não quistos por investigações que se dizem científicas. Sobretudo a involução, propensões ao erro, capacidade adaptativa e risco de extinção tornam a *epistemologia evolucionária* desenvolvida por Popper indispensável à investigação filosófico-científica. Assim sendo, tal epistemologia porta o diferencial de aliar naturalismo e *objetividade*, aspirando, por assim dizer, melhor detectar e reduzir erros teóricos e de outros campos. Afinal, o indivíduo tende a cometê-los e, caso considere a contribuição popperiana, pode aprimorar a capacidade de aprender com os referidos erros, tendendo a reduzi-los, além melhor detectá-los em sua vida acadêmica.

Nesta perspectiva, quando trabalhada a herança darwiniana, a qual,

juntamente com a leitura de Frege, impulsionou Popper a desenvolver a teoria dos *três mundos*, notou-se a crescente aproximação com a linguagem. Esta ocorre devido ao fato de ser, via de regra, encontrada uma dinâmica peculiar na linguagem, a qual incita a Filosofia, além de outras ciências que a tem por objeto, a investigá-la sob a forma de *análise*. Ao comentar sobre as transformações ou dinamismo da linguagem, Popper as entende enquanto constitutivas do amplo interesse darwiniano. Desse modo, mudanças cognitivas, fonológicas, fisiológicas e sociais agem e moldam a estrutura da linguagem. Tais transformações assinalam a convergência entre *teoria da evolução* darwiniana e epistemologia popperiana seguida, enfim, de complementação teórica mútua.

Assim procedendo, após visualizar a herança darwiniana, também fez-se notória a atenção dada à linguagem mediante discussões e, declaradamente, discordâncias tidas entre Popper e o Círculo de Viena. Nesta contenda, Popper, mostra-se contrário e crítico ao reducionismo linguístico dos positivistas lógicos. Até porque, por meio dele, os vienenses pretendiam aniquiliar a metafísica, ação questionada e refutada pelo filósofo. Embora compreenda a metafísica para além do essencialismo e de elementos transcendentais, Popper a valoriza, pois trata-se de elemento arraigado à nossa humanidade. Mas, em termos de linguagem, o que pode ser extraído?

Primeiramente, que a *decomposição* efetuada pelo Círculo de Viena corresponde a uma significativa parte da chamada *concepção científica de mundo*, quer dizer, a diminuição da linguagem, sobretudo de enunciações, ao que é proferido em termos racionais juntamente com a isenção de metafísica. O resultado, como mencionado, foi a utilização da linguagem simbólica, a qual tentou ser universal, todavia, excluindo vasta parte da realidade. Para atestar este fracasso, basta olhar para enunciados e outras formas de linguagem as quais não se adequam ao simbolismo neutro dos vienenses para observar sua limitação, passível de questionamentos e, atualmente, vista à luz de Popper como superada.

Em contrapartida à *decomposição* cara aos positivistas lógicos, Popper, ao desenvolver a *análise da linguagem*, a indissocia da metafísica. Nesta imbricação, conjuga à *análise lógica* o *racionalismo crítico*, com o propósito de unir, ou melhor, aliar *crítica* e *análise lógica* da linguagem. Eis um avanço em termos teóricos e de visão de mundo extremamente ampliado em comparação aos vienenses. E ainda, a aplicação da análise lógica, ao invés de apenas *decompor* enunciados seletos, *depura* da linguagem elementos subjetivos, arbitrários, crenças, incoerências mediante ajustamentos e correções de “impurezas” comprometedoras da *objetividade*, perquerindo, então, a justificação em voga neste texto.

Ademais, quando apresentadas as *funções* da linguagem houve o interesse em observar a presença real do *evolucionismo darwiniano* agindo sobre esta faculdade

humana e animal de modo a serem comparadas transformações e melhoramentos, da *autoexpressiva*, *sinalizadora* à *argumentativa* e *descritiva*. Verificou-se que, embora sejam-nos evidentes, ainda é preciso melhorar muito suas aplicações, particularmente, quando se alude ou infere sobre o conhecimento filosófico-científico. Afinal, a linguagem, em sua diversidade é – além de um instrumental pelo qual serve-se o indivíduo na apresentação de pensamentos – produto permeador do *mundo 3* e, tão importante quanto o primeiro, à condição de, por excelência, serem transmitidas as marcas constitutivas da humanidade em sua curta, complexa e contraditória existência neste mundo.

REFERÊNCIAS

BARNHARDT, John E. *Karl Popper's Three Worlds*. In: **New Mexico-Texas Philosophical Society**. Vol. 3. Págs. 18-24, 1978. Disponível em: <http://www.nmwt.org/nmwt/?r=article/view&id=458>. Acesso em 04/06/2017.

CAPONI, Gustavo A. A linguagem como coisa: giro cosmológico da epistemologia popperiana. In: DUTRA, Luiz Henrique (Org.). *Nos limites da epistemologia analítica*. Florianópolis: NEL/UFSC, 1999. Vol. I.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies através da seleção natural ou a preservação das raças favorecidas na luta pela sobrevivência**. Leça da Palmeira: Planeta Vivo, 2009.

HAHN, Hans; NEURATH, Otto & CARNAP, Rudolf. A concepção científica do mundo. O Círculo de Viena. In: **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**. Nº. 10. Campinas: UNICAMP. Págs. 05-20. 1986.

MARCONDES, Danilo. **Filosofia analítica**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. **Autobiografia intelectual**. São Paulo: Cultrix/EPU, 1977.

_____. **Conhecimento objetivo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

_____. **Conjecturas e refutações**. Brasília: UnB, s/d.

_____. **O conhecimento e o problema corpo-mente**. Lisboa: 70, 2002.

QUELBANI, Mélika. **O Círculo de Viena**. São Paulo: Parábola, 2009.

SOBRE OS ORGANIZADORES

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

ELISÂNGELA MAURA CATARINO - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 9, 15, 17, 18, 91
Arquitetura 75, 77, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Arranjo 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 83

C

Ciências Cognitivas 62
Corpo 43, 51, 53, 54, 59, 64, 66, 89, 91, 93, 101, 119, 122, 127, 128, 129, 130, 158
Cultura 15, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 64, 80, 90, 92, 95, 96, 100, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 151, 152, 153, 155, 158, 159, 160

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 20, 27, 28, 36, 62, 108, 112, 135, 148, 159, 160, 161
Epistemologia Evolucionária 38, 39, 40, 41, 42, 43, 48, 51
Estágio Curricular 19, 21
Estética 93, 114, 115, 117, 123
Experiência 4, 5, 6, 19, 20, 21, 25, 26, 64, 69, 79, 80, 81, 85, 93, 114, 124, 129, 148, 150, 152, 154, 155, 156

F

Formação Continuada 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16, 148, 159
Formação Docente 1, 3, 6

I

Identidade 6, 55, 86, 89, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 110, 111, 112, 113, 154, 159
Idosos 14, 15, 30, 31, 33, 35, 36, 105, 118, 119, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 130, 132, 149

L

Linguagem 11, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 72, 73, 74, 86

M

Manifesto 2, 88, 90, 91, 92, 93, 94
Memória 5, 13, 63, 75, 78, 84, 85, 86, 95, 96, 97, 101, 103, 104, 105, 107, 112, 113
Migração 151, 152, 154
Moda 46, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94
Mulheres 28, 29, 30, 31, 106, 149

P

Políticas Educacionais 1, 3, 4, 7, 8, 159, 161

Precipitação 134, 136

Prototipação 118, 123, 124, 128, 131

R

Relato de Experiência 19, 148

Robótica Afetiva 120, 122, 131

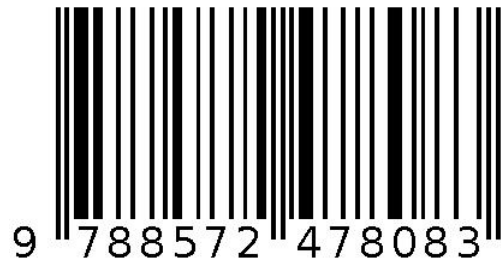
T

Tecnologias 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 23, 42, 121

Tendência 31, 34, 61, 77, 143

Teoria Literária 54, 60

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-808-3



9 788572 478083